Biografias: entre o Jornalismo, a História e a Literatura[1]

Victor GENTILLI[2]
Carolina Maria Moreira ALVES [3]
Livia CostaBERNABÉ [4]
Luma Poletti DUTRA [5]
Simone Lima AZEVEDO [6]

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

Estudo sobre o fenômeno das biografias feitas por jornalistas. De um modo geral, elas contam com excelente aceitação pelo público – várias delas chegaram a entrar em listas de mais vendidos – não apenas pelo interesse do leitor pela vida do biografado, mas também pelo resultado do trabalho do biógrafo que invariavelmente produz um texto de leitura fluente, agradável e distante do padrão acadêmico. Tal distanciamento do padrão acadêmico faz com que muitos questionem as metodologias dos jornalistas-biógrafos e suas biografias sejam problematizadas como material de pesquisa científica. O estudo está dividido em vários recortes, cada um deles estudando três ou quatro biografias, segundo o perfil do biografado e não do biógrafo. Assim, temos estudos comparativos de biografias de mulheres que foram à luta, escritores, atletas e cantores entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo, biografia, história, literatura de não-ficção

Biografia é o biografado segundo o biógrafo. Esta definição de Sergio Vilas Boas (VILAS BOAS, 2002, p. 11), embora pareça simplista, um truismo, é fundamental para a compreensão do fenômeno das biografias nesta pesquisa. Biografia é a reconstituição da vida de uma pessoa, em texto, apresentado como livro. Historicamente, no Brasil, biografias eram feitas por biógrafos como Gondim da Fonseca, Luiz Viana Filho, Raimundo Magalhães Junior e outros. Dos três citados, apenas Gondim da Fonseca era

[1] Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

[2] Orientador da pesquisa, professor da Universidade Federal do Espírito Santo, e-mail: vgentilli@uol.com.br.

[3] Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFES, email: cakis_moreira@hotmail.com

[4] Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFES, email: liviabernabe@hotmail.com

[5] Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFES, email: lumadutra@gmail.com

[6] Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UFES, email: mone43cs@hotmail.com

jornalista. No século XX, biógrafos como Emil Ludwig, Romain Rolland, Stefan Zweig, André Maurois ficaram conhecidos em todo o mundo.

Apesar disso, *grosso modo*, historiadores e escritores viam a biografia como um gênero menor (BILICH, 2005, pg. 19), fato que ocorre de modo geral na academia. Para Pierre Bourdieu,

> Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco - que a vida é uma história e que, como no título de Maupassant, Uma vida, uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história. (BOURDIEU, 2002, pg. 183)

O sociólogo francês observa ainda que "o sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm, de certa forma, o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência (grifo original) narrada (e, implicitamente, de qualquer existência)" (idem, pg. 184). Não é à toa que o título do texto seja "A ilusão biográfica".

Na mesma linha de raciocínio, Giovanni Levi observa que a "biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia" (LEVI, 2002, pg. 168). Para este autor,

> Essa influência, em geral mais indireta do que direta, suscitou problemas, questões e esquemas psicológicos e comportamentais que puseram o historiador diante de obstáculos documentais muitas vezes intransponíveis: a despeito, por exemplo, dos atos e dos pensamentos da vida cotidiana, das dúvidas e das incertezas, do caráter fragmentário e dinâmico da identidade e dos momentos contraditórios de sua constituição. (LEVI, 2002, pg. 168 e 169)

Nos últimos anos, as biografias produzidas por jornalistas alcançaram um padrão respeitável de aceitação do público. Podemos listar dezenas de biografias produzidas nos dois últimos decênios por jornalistas. A partir da publicação da primeira edição de *Morte no Paraíso*, biografia do biógrafo Stefan Zweig, por Alberto Dines, em 1981 e, com mais intensidade, após o lançamento de *Chatô, o rei do Brasil*, por Fernando Morais, em 1994, o gênero foi sendo dominado por jornalistas.

Isso, em função dos procedimentos metodológicos usados. A grande maioria das biografias – quando se trata de biografado de vida relativamente recente no tempo - tem como fonte de informação básica um conjunto de entrevistas com praticamente todas as pessoas vivas que conviveram com o biografado. O uso de documentos como diários pessoais e o mergulho em acervos de jornais e revistas antigos também se constituem

em procedimentos possíveis na produção de biografias entre tantos outros. O relato é quase sempre cronológico. Nota-se nas biografias uma preocupação clara do autor com o texto, que deve ser fluente, de leitura agradável, que procure "fisgar" o leitor e segurá-lo no decorrer de toda a obra. Tal opção faz com que a grande maioria dos biógrafos não use notas de rodapé ou mantenham-nas discretas. O biógrafo se põe numa posição de "contador de histórias".

É na escrita que vamos encontrar as questões de pesquisa mais intrigantes. Como deixar de produzir ficção em relatos onde – por mais fundo e profundo que tenha sido o mergulho do biógrafo – jamais conseguirão reconstituir com fidedignidade a vida do biografado? Alguns biógrafos preferem apresentar diversas versões de determinado episódio, evitando optar por uma específica. Outros, escolhem saltar e deixar de fora – ou optam por uma narrativa mínima - determinado período da vida do biografado por não ter conseguido encontrar material suficiente - e confiável - que permita uma narrativa precisa daquele período da vida.

Impossível biografar sem uma grande afinidade entre biógrafo e biografado. É o biógrafo quem escolhe a persona que irá biografar. Na quase totalidade são obras não-autorizadas onde o biógrafo dispensa a licença do biografado ou seus herdeiros. Não é sem motivo, portanto, que, dentre as estudadas, a única biografia de pessoa viva, *Roberto Carlos em detalhes*, por Paulo Cesar de Araujo, tenha implicado em processo judicial que resultou na interdição total da obra. Os exemplares impressos foram entregues ao biografado. Pela mesma razão, Ruy Castro teve que enfrentar uma dura batalha judicial com as filhas de Garrincha para poder colocar nas livrarias *A estrela solitária*, biografia de craque, que chegou a ficar alguns meses proibida.

O fazer biográfico certamente produz mudanças no biógrafo. Vilas Boas entende que a individualidade aderente à biografia exige que se conheça como o biografado viveu seu tempo, "como uma vida pode influenciar muitas – mesmo a vida do próprio autor, pois nenhum biógrafo respeitável pode viver à sombra do seu biografado (...) pesquisando-o, interpretando-o diariamente e não ser tocado por essa experiência" (VILAS BOAS, 2008, pg. 24). Até porque, se "biografia é o biografado segundo o biógrafo", outro biógrafo que se debruçasse sobre a mesma persona certamente faria uma biografia diferente.

Ou até o mesmo biógrafo, como de fato ocorreu com Alberto Dines. A biografia de Stefan Sweig que ele publica em 2004 é praticamente outra em relação às edições de 1981 e 1982. Dines não é o único biógrafo a fazê-lo. No prólogo da edição de 2004 de

Morte no paraíso ele cita Virginia Woolf: "Certas biografias precisam ser reescritas a cada geração, justificou-se (...) ao aventurar-se em novo perfil de Shelley" (DINES, 2004, pg. 12). Outro, igualmente citado por Dines, foi Michael Holroyd, que biografou o biógrafo Lytton Strachey e voltou a fazê-lo um quarto de século depois.

> Transgredir é essencial na arte biográfica. Mais do que gênero literário, biografia é um desacato. Insubordinação contra a morte, fixação na vida, exercício de suscitação, ressuscitação dos finados e esquecidos. O relato que se segue contém duas rebeldias: o biografado recusa desaparecer e o biógrafo transpõe o ponto final que colocou há duas décadas. (DINES, 2004, pg. 11)

Quais as razões pelas quais os jornalistas se apropriaram deste gênero no Brasil? Uma hipótese é que a experiência de trabalhar com entrevistas e com as técnicas da reportagem em profundidade, aliada à capacidade de escrever numa linguagem acessível, fluente, de leitura leve – em contraposição ao texto denso e pesado dos acadêmicos - influenciou decisivamente nesta direção. Ainda em 1958, Alceu Amoroso Lima observava que

> a literatura não exclui nem a verdade, nem o bem, nem a história, nem a autobiografia, nem a filosofia, nem as ciências, nada. Tudo é literatura desde que no seu meio de expressão, a palavra, haja uma acentuação, uma ênfase no próprio meio de expressão que é o seu valor de beleza (...) Sendo assim, não vejo como negar ao jornalismo o seu cartão de entrada no recinto literário. (LIMA, 1969 pg. 22)

Cristiane Costa relembra a enquete que João do Rio fez em 1904, onde uma das perguntas era: "o jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?" (COSTA, 2005, pg. 11). É verdade que seus entrevistados não são biógrafos. Mas não seria significativo e relevante que tanto biógrafos como escritores contemporâneos sejam oriundos do jornalismo?

Pensando, como Bourdieu, com a noção de campos de pesquisa, é de se notar, portanto, que os pressupostos epistemológicos que definem a História, a Literatura e o Jornalismo apontam pontos de divergência e de convergência. Trata-se de um problema a merecer leituras e reflexões.

Richard Romancini observa:

> É evidente que isso não é um impedimento para que os pesquisadores jornalistas produzam conhecimento histórico mais afeito ao campo científico – como o comprova o fato de vários jornalistas terem feito estudos históricos rigorosos e de qualidade (...). O tradicional fôlego investigativo dos jornalistas, sua capacidade de oferecer boas interações pessoais com fontes de informação, preocupação com a clareza na produção textual são algumas questões que podem e devem ser "levadas" de um campo a outro. (ROMANCINI, 2007, pg 40)

Este autor, pesquisador do campo da comunicação que trabalha os vínculos do Jornalismo com a História defende que tais trabalhos devem explicitar suas fontes (de forma a permitir que outros a pesquisem), as metodologias que orientam a coleta de dados, a problemática conceitual construída para o estudo que orienta a análise.

Jornalista e pesquisador, Felipe Pena propõe uma ruptura radical no fazer biográfico dos jornalistas. Para ele, "o sucesso das biografias no mercado editorial está certamente relacionado à opção da maioria dos autores em reconstruir o passado atribuindo significado aos fatos dispersos de uma vida, alocando-os em ordem cronológica.(...)" (PENA, 2004, pg. 20) . Para ele, tal sedução "vive de um modelo epistemológico anacrônico e não contempla as transformações na experiência espacial e temporal" (idem).

Ana Paula Goulart Ribeiro chama a atenção para o fato de que a História exerceu papel central na constituição e na formalização da memória oficial por estar próxima do poder, mas "sobretudo porque sempre se apresentou (e conseguiu se legitimar) como o principal discurso semantizador das ações e das transformações da realidade social" (RIBEIRO, 2000, pg. 32). A autora acredita, no entanto,

> que a História foi perdendo este papel (...) com a inserção das tecnologias de comunicação no tecido das sociedades industriais. Hoje, são cada vez mais os meios de comunicação o locus principal em que se realiza o trabalho sobre as representações sociais. A mídia é o principal lugar de memória e/ou de história das sociedades contemporâneas" (RIBEIRO, 2000, pg. 33)

Não é de se supor que tal mutação tenha "contagiado" os profissionais de um e outro campo, em especial os mais experimentados jornalistas autores de biografias.

Em outra vertente de análise, Exequiel Cesar Hortega, observa, no prólogo de sua Historia de La Biografia, que

> en base a decisivos adelantos y câmbios en todos los sectores de la actividad social; com el quebrantamiento de principios y moldes seculares creídos inconmovibles; com la nueva ciencia; com los Freuds surgidos em casi todas las esferas, llegará el gênero biográfico a tomar otros rumbos haciéndose más acertado, mas accesible, y también mas eficiente, em una interpretación más exacta del hombre complejo, apreciándolo a la luz de todos sus desniveles y anacronismos. Así culmina la biografia em nuestra época: el tema constante, tan difícil, que recibe quizá como veredicto superficial o como castigo por su vuelo hacia lo alto, el adjetivo de "novelado" al no aterse en el juicio sino a la forma; o cuanto más, a la penosa impresión producida por ciertas obras sensacionalistas. Porque la genuína biografia actual se provee de todas las armas para lograr eficiência; está de acuerdo a la época inquietantemente analítica, atormentada y escéptica, ansiosa de verdad, que desconfia de los héroes de piedra y los quiere humanizados,

> complejos, em sus cerebraciones, en la lucha, em sus princípios y em su acción. (ORTEGA, s;d, pg. 12)

O biógrafo brasileiro Luiz Viana Filho também produziu estudos sobre a biografia como gênero. Em obra lançada em 1945, classifica o gênero biografia em quatro modelos:

> chame-se romanceada, moderna, literária ou histórica – e isso se afigura essencial – terá de subordinar-se às limitações impostas por aquelas características de submissão à verdade, à exatidão, ao sentimento de justiça que lhe são inerentes, sob pena de deixar de ser biografia. (VIANA FILHO, 1945, pg. 15)

Embora não se trate de uma reflexão sobre a biografia, vale analisar como Antônio Cândido analisa, em romances, o recurso – fartamente usado pelos jornalistas biógrafos - para dar a impressão de verossimilhança ao personagem:

> Para tanto, deve lembrar um ser vivo, isto é, manter certas relações com a realidade do mundo, participando de um universo de ação e de sensibilidade que se possa equiparar ao que conhecemos na vida. Poderia então a personagem ser transplantada da realidade para que o autor atingisse esse alvo? Por outras palavras, pode-se copiar no romance um ser vivo e ,assim, aproveitar, integralmente a sua realidade? (CANDIDO, 2007, pgs. 64 e 65)

Para o estudioso de literatura, isso é impossível:

> Não, em sentido absoluto. Primeiro porque é impossível, como vimos, captar a totalidade do modo de ser de uma pessoa, ou sequer conhecê-la; segundo, porque neste caso se dispensaria a criação artística; terceiro, porque mesmo se fosse possível, uma cópia dessas não permitiria aquele conhecimento específico, diferente e mais completo, que é a razão de ser, a justificativa e o encanto da ficção.(idem)

Embora claramente menos pretensiosa, a pesquisa pretende buscar, por meio de vários estudos empíricos específicos, os traços que unificam e que diferenciam os diversos trabalhos de mergulhos em vidas feitos por jornalistas, razão da opção pelos recortes das obras em cada sub-projeto a partir do perfil dos biografados e não dos biógrafos. Apresentamos a seguir uma síntese do trabalho já realizado.

A literatura pela lente das biografias

Nesse recorte, foi estudada a união de três campos do conhecimento – jornalismo, historiografia e literatura – e as peculiaridades da construção de um gênero que nasce híbrido mas que cresce em processo de construção identitária.

Observamos que para adquirir o estatuto de biografável, geralmente, uma pessoa possui atributos, como sua relevância nacional ou internacional e a repercussão de sua obra, seja ela artística, política, social ou científica. José de Alencar, Machado de Assis e Graciliano Ramos exerceram várias profissões. Mas foi como romancistas que todos eles conquistaram a consagração que possuem.

As três biografias dissecadas têm como fonte de informação básica um conjunto de dados do qual fazem parte entrevistas com todas as pessoas que conviveram com os descendentes do biografado ou que tenham estudado suas obras, manuscritos, diários, cartas pessoais e acervos de jornais antigos. Para Lira Neto, esse é um "inventário de minúcias" que o biógrafo precisa construir. A nosso ver, é também o primeiro passo do fazer biográfico.

Já a primeira especificidade é a liberdade de criação literária e poética. Questão diretamente relacionada com a fluência do texto. Para prender a atenção do leitor, o jornalista-biógrafo – diferente do jornalista-padrão que tenta ser imparcial – tem a peculiaridade de ousar com elementos ficcionais na construção da narrativa. Essa abertura é o principal elemento que faz da biografia escrita por jornalista um gênero que transita entre o jornalismo e a literatura e que alguns estudiosos classificam como uma espécie de jornalismo literário. Segue um exemplo na biografia de José de Alencar por Lira Neto:

> 1840. Tudo tinha que ser feito no mais absoluto sigilo. Sombras se esgueiravam no meio da noite, protegidas pela luz mortiça derramada dos postes acesos com o malcheiroso óleo de peixe. Um após outro, os vultos dobravam sorrateiros a esquina, em direção à rua do Conde, atual Visconde do Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro. Aqueles senhores, vestidos com roupas sóbrias e caras, haviam descido de luxuosas carruagens alguns quarteirões antes dali, nas imediações do Rocio Grande, hoje praça Tiradentes, e no Campo da Aclamação, atual praça da República. Para evitar que o tropel dos cavalos chamasse a atenção da vizinhança, faziam o resto do trajeto a pé, o rosto abrigado sob a aba negra da cartola. (NETO, 2006, p. 30)

Há ainda outro traço quase definitivo nas três biografias: o relato é sempre cronológico, embora todos iniciem com o momento mais simbólico da vida do biografado, que melhor o descreve ou que se relacione com o fio condutor escolhido pelo biógrafo. E, a partir daí, segue-se uma narrativa que se inicia no nascimento e o relato segue linear até a morte.

Lira Neto começa com um discurso de José de Alencar na Câmara dos Deputados, um dos últimos atos políticos do romancista. Esse é um dos fatos que melhor apresenta o recorte assumido: revelar o homem político para quem só conhece o Alencar romancista. Dênis de Moraes, por sua vez, abre o livro narrando o primeiro contato de Graciliano Ramos com a literatura. Ao fazer a escolha desse episódio para iniciar, Denis delineia o propósito da biografia: desenhar a fisionomia intelectual do romancista. E para tanto nada melhor do que ressaltar a atração que os livros e seus mistérios exerciam sobre o menino, característica que já revela uma criança especial e um literato promissor. Daniel Piza, segue a mesma linha e inicia narrando a morte de

Machado de Assis. Essa escolha pode ser uma alusão a Memórias Póstumas de Brás Cubas, uma das obras de maior repercussão do romancista, como também pode ser uma referência à saúde frágil de Machado e à contradição que foi o prestígio que possuía em uma sociedade que estigmatizava e marginalizava pessoas com doenças incuráveis.

Outro ponto que chamou a atenção e merece estudo é a preocupação com o texto fluente e agradável que fez com que duas destas biografias usassem as notas ao final do livro e não no rodapé. As notas trazem informações extras, complementares e independentes. Daniel Piza, diferente dos outros, não usou notas de rodapé tampouco ofereceu alguma explicação ao final do livro, como os demais fizeram. Acreditamos ser esse – em ambos os casos – mais um indicativo da preocupação ostensiva dos autores com o texto das biografias, pois é na escrita que encontramos as melhores e mais excitantes questões de pesquisa. E por fim, é importante destacar que as três são obras independentes, onde o biógrafo não pede licença ao biografado ou a seus herdeiros.

Diante de tudo o que foi analisado, concluímos que não produzir ficção é quase impossível, pois – por mais fundo que seja o mergulho do biógrafo – ele jamais consegue decifrar a totalidade do ser humano. E a escolha por enfatizar uma das faces do biografado, a priori, inclina as biografias na direção da esfera literária, ainda que as mesmas sejam literatura de não-ficção. Ou seja, habilitar a obra como documento histórico não é a finalidade ou a preocupação última das três biografias estudadas. Porém, isso não as exclui da qualidade de documento. Como vimos no início, ela é um gênero híbrido que está se descobrindo e criando suas próprias especificidades.

Mulheres que foram à luta

O recorte "mulheres que foram à luta" analisou a biografia de Olga Benário, Leila Diniz, Iara Iavelberg e Adalgisa Nery escritas respectivamente pelos jornalistas Fernando Morais, Joaquim Ferreira dos Santos, Judith Patarra e Ana Arruda Callado. Sabe-se que estes autores já publicaram outros livros – inclusive biografias, exceto Judith Patarra. Todas as obras apresentam depoimentos de pessoas que conviveram com as biografas, além de documentos como cartas, fotos, notícias de jornais, trechos de diários pessoais etc.

A biografia *Olga* foi lançada em 1984 e seu autor pode ser considerado um jornalista-biógrafo clássico, pois já escreveu outros livros de sucesso deste gênero. Fernando Morais foca na militância política e no relacionamento de Olga e Prestes. Narra a vida de sua personagem na terceira pessoa do singular, no presente e assume o papel de narrador onisciente, descrevendo sensações e sentimentos dos personagens:

"Durante onze anos, Filinto nutriu o ódio pela acusação que Prestes mandara-lhe fazer naquele boletim: covarde, desertor, indigno" (MORAIS, Fernando, 2004, p.126). A partir desta característica, presente também na obra de Judith Patarra (com uma ressalva: esta autora narra a história de Iara no passado e enfatiza igualmente a vida política e pessoal de sua personagem), nota-se o uso que jornalistas fazem de recursos literários ao longo de seus livros. Joaquim Ferreira dos Santos, em *Leila Diniz,* utiliza metáforas e ironias, enquanto em *Adalgisa Nery,* Ana Arruda Callado não faz uso frequente de figuras de linguagem.

Dentre as obras estudadas neste recorte, apenas Fernando Morais explica, na apresentação do livro, como se deu o processo de pesquisa e o que o levou a escrever essa biografia:

> A vida de Olga Benário Prestes, uma história que me fascina e atormenta desde a adolescência, quando ouvia meu pai referir-se a Filinto Müller como o homem que tinha dado a Hitler, 'de presente', a mulher de Luís Carlos Prestes, uma judia comunista que estava grávida de sete meses. Perseguido por essa imagem, decidi que algum dia escreveria sobre Olga, projeto que guardei com avareza durante os anos negros do terrorismo de estado no Brasil, quando seria inimaginável que uma história como esta passasse incólume pela censura (MORAIS, Fernando, 2004, p. 9)

Ana Arruda Callado, por sua vez, deixa claro na narrativa que conheceu a personagem e, apesar de não serem próximas, desejou escrever um perfil sobre essa importante mulher pública – e o foco narrativo do livro é a vida pública de sua biografada. Esta é uma característica que só se observou na obra de Adalgisa Nery: a autora não se omite da narrativa, se mantendo na primeira pessoa e, em certos momentos descreve as entrevistas que fez com algumas fontes:

> "Durante jantar com amigos em sua casa, dia 9 de novembro de 95, o economista e escritor Celso Furtado discorria, como sempre com grande propriedade, sobre as contradições brasileiras. Aproveitei para lhe perguntar se havia conhecido Adalgisa Nery (pesquisadora fica assim, maníaca)" (CALLADO, Ana Arruda, 1999, p.89)

Os jornalistas que desempenham o papel de biógrafos levam para este gênero características que remetem à sua profissão: a preocupação em cativar a atenção do leitor desde a primeira página, a fluidez do texto, a linguagem simples e acessível, etc. A biografia de Iara Iavelberg, porém, apresenta uma característica particular: notas de rodapé. Muitos jornalistas optam por não utilizar este recurso ao prezar pela fluidez do texto, porém Judith as utiliza.

No que tange à linguagem, Joaquim Ferreira dos Santos destacou-se por ter adotado uma narrativa bastante informal ao escrever a biografia da atriz Leila Diniz: "Para facilitar a Doze era decorada com uns almofadões ao estilo indiano. A turma se

largava neles, ao embalo do incenso, de uma música de cítara ao fundo, e, podes crer, todo mundo curtia mó barato" (SANTOS, Joaquim Ferreiras dos, 2008, p.222).

Apesar de se tratarem de histórias de mulheres que se destacaram por seu talento e irreverência é preciso estar atento à época, razão pela qual os autores tomam todo o cuidado de ambientar as atitudes das personagens para que o leitor não se perca. Além disso, as biografias analisadas não assumem caráter parcial, e apresentam diferentes lados das biografadas, delegando ao leitor a conclusão a respeito destas mulheres.

Conclui-se que as obras estudadas apresentaram uso de recursos literários casados com documentações históricas em uma narrativa jornalística apurada, o resultado foram leituras agradáveis e cativantes.

Mitos da música brasileira

O recorte mitos da música brasileira engloba as seguintes biografias: *"O som e a fúria de Tim Maia"* por Nelson Motta, *"Renato Russo. O filho da revolução"*, por Carlos Marcelo e *"Roberto Carlos em detalhes"*, por Paulo César de Araújo. Destes autores, Nelson Motta pode ser considerado o menos preocupado com a biografia como documento histórico, Carlos Marcelo o mais atencioso quando a situar o personagem temporal e espacialmente e Paulo César de Araújo o mais interessado nas minúcias da narrativa.

O personagem Tim Maia é apresentado por Nelson Motta em um texto leve, com linguagem de fácil entendimento, uso mínimo de palavras rebuscadas, e sem grande riqueza de detalhes. Pode-se pensar nesta biografia como uma conversa coloquial entre autor e leitor. Carlos Marcelo, entretanto, reescreveu a vida de Renato Russo com bases históricas, mostrando o personagem ora como fruto de seu tempo, ora como produtor de narrativas. Diferentemente da obra escrita por Nelson Motta, esta não teve como fio condutor a vida única e exclusiva de seu personagem principal, e sim, de todo o ambiente que o cercava. Já a narrativa de Paulo César de Araújo, apresenta algumas peculiaridades que a diferencia das outras obras analisadas. A mais consistente é o fato de o autor não utilizar um único fio condutor para traçar a vida de Roberto Carlos. O livro é dividido em capítulos que não fazem conexão entre si, e em cada capítulo é desvendada uma faceta do personagem com início, meio e fim. De todas as estudadas, é a única que não usa relato cronológico.

Nelson Motta apresenta uma narrativa homogênea em que os personagens são bem alocados no tempo, porém, não são aprofundados, servindo apenas de pano de fundo para a história. Não há depoimentos descritos no texto, não há o uso de notas de

rodapé, os capítulos são bem marcados e a linearidade é presente do início ao fim. Toda a obra é narrada na terceira pessoa do singular e o tempo verbal utilizado é o passado. Há ainda a presença de diversas expressões cunhadas e utilizadas pelo biografado, que auxiliam na reconstrução do personagem no imaginário do leitor, e o uso considerável de figuras de linguagem como ironia, sinestesia, metonímia. Trata-se de uma biografia despretensiosa e voltada para entreter.

Paulo Cesar de Araújo ao recuperar a vida de Roberto Carlos na obra não-autorizada *"Roberto Carlos em Detalhes"* se debruça na utilização das minúcias. Os detalhes apurados nos 15 anos de pesquisa são descritos com clareza e aprofundamento. Os personagens secundários são extremamente importantes nesta obra, que além de reconstruir o passado de uma notável persona do país, reconstrói a própria história da música brasileira com seus inúmeros personagens. Diferentemente dos outros dois autores analisados no recorte, Paulo Cesar interpreta acontecimentos e em certos momentos deixa transparecer o seu ponto de vista, além de exaltar características do biografado e adjetivar em excesso. Esta posição é considerada perigosa, já que o autor ultrapassa a barreira da objetividade. Algumas figuras de linguagem utilizadas são: hipérbole, metáforas, paradoxo, antítese e eufemismo. O autor não usa o discurso direto. Em contrapartida, Carlos Marcelo faz uso constante da recriação de diálogos que ajudam a envolver o leitor na história. Todo o livro escrito a partir dos discursos indireto e indireto livre. Ponto interessante da obra é a discussão: liberdade de expressão versus invasão de privacidade. Já que Roberto Carlos entrou na justiça para interromper as vendas do livro. No caso desta obra, o autor fez um acordo com o cantor e os livros foram recolhidos.

O autor da biografia *"Renato Russo. O filho da Revolução"*, Carlos Marcelo, utiliza uma linguagem culta, porém acessível. Mesmo com o uso de palavras rebuscadas, o entendimento da obra não é prejudicado. Não há adjetivação, e o autor se empenhou a fazer uma obra imparcial, apenas exibindo os fatos de acordo com a sua apuração, sem opinar a respeito. Como documento histórico, este, dos três analisados neste recorte, é o livro que mais alcança os princípios adequados para se encaixar nesta categoria. Todas as entrevistas foram citadas, todas as fotos legendadas, jornais e revistas usados como fonte descritos, e a bibliografia usada pelo autor também consta ao final da obra. Os personagens são bem localizados no tempo e esta narrativa, diferentemente da biografia escrita por Nelson Motta, é desenvolvida no tempo verbal presente. Além, de algumas notas de rodapé ao longo da narrativa, que auxiliam o leitor

acrescentando informações relevantes não contidas no texto. A narrativa não se mantém homogênea. No início, a História do Brasil e de Brasília estão em primeiro plano e o personagem é moldado por elas. Próximo ao fim, a narrativa é contada a partir da perspectiva de que o biografado é que está moldando os acontecimentos. Carlos Marcelo é um escritor de estilo, cria cenas cinematográficas e as intercala com diálogos. Dos três, é o que utiliza mais figura de linguagem para fins estilísticos, sendo as mais frequentes delas a comparação e a antítese.

Após a análise, é possível concluir que para o fazer biográfico não há uma fórmula de sucesso. No fenômeno das biografias, pode-se notar a existência de obras diversas, que comungam de alguns valores semelhantes, mas que não necessariamente, devem constituir um padrão narrativo a ser seguido, deixando a critério do biógrafo o rumo que dará a sua biografia. Não se esquecendo, é claro, que o trabalho biográfico é feito a partir de fatos já ocorridos, ou seja, que não podem ser mudados em essência.

Celebridades do esporte

Dentro do recorte "Celebridades do Esporte", que engloba *Estrela Solitária – um brasileiro chamado Garrincha,* por Ruy Castro, *Ayrton – O herói revelado*, por Ernesto Rodrigues e *Pelé - os dez corações do Rei*, por José Castello existe algumas características comuns na maneira de elaborar cada obra, mas mesmo dentro do tema esporte, cada autor apresenta o personagem e sua vida de forma muito diferente.

Ruy Castro afirma que o objetivo de uma biografia é "revelar o ser humano para quem se habituou a só ver o herói e mostrar o herói para quem só teve a chance de conhecer o ser humano" (CASTRO 1998; citado por VILAS BOAS 2002). Quando escreve sobre Garrincha, Ruy, de fato, faz isso: mostra diversas facetas do personagem, mostra Garrincha, gênio do futebol com seus dribles desconcertantes, mostra também o alcoólatra que não conseguiu superar o vício e pôs fim a sua carreira e vida. Ruy também revela o amante, louco por sexo, o brincalhão e o humilde homem de gênio indomável. Faz isso debruçando-se em detalhes minuciosos, sempre primando pela verdade, por isso quando depara-se com um fato e várias versões deste, Ruy as coloca no livro, deixando a critério do leitor escolher pela versão que considere verdadeira. Ernesto Rodrigues segue na mesma linha de Ruy Castro quanto a abordagem do personagem e como o próprio nome da obra sugere (*Ayrton – o herói revelado*) trabalha os diversos aspectos da vida de Senna: a infância, a vida amorosa, a carreira, o sucesso, a vida em família e a vida com amigos. Já José Castello, quando escreve sobre Pelé,

opta por abordar apenas uma faceta de Pelé, a do grande jogador de futebol, até por que não se trata de uma biografia densa como as outras e sim de um perfil.

Para convidar o leitor a mergulhar na vida do biografado, os biógrafos utilizam maneiras diferentes para elaborar esse capítulo de imersão. Ernesto Rodrigues inicia o livro com a última corrida de Senna, sua última acelerada ligando-a com a primeira vez que Ayrton acelerou um carro de corrida, aos quatro anos de idade. Ruy Castro inicia a obra falando sobre os bisavós de Garrincha, conta sobre a origem dos antepassados do biografado e com isso atribui valor de sentido ao temperamento de Garrincha. José Castello convida o leitor tentando explicar o dilema da dupla identidade de Pelé, característica relevante no personagem. Ruy Castro e Ernesto Rodrigues em suas respectivas obras narram a vida de seus biografados de maneira cronológica, ao contrário de José Castello, que divide o livro em dez capítulos, que seriam as dez qualidades, que, hipoteticamente, fizerem de Pelé um Rei. Os dez capítulos também fazem menção ao número 10 da camisa que consagrou Pelé. O autor utiliza muitos adjetivos que qualificam o personagem e atribui ao mesmo aspectos mitológicos e sobrenaturais, mesmo que por metáforas.

Dentro do tema esporte, pode-se imaginar que seria impossível trabalhar sem uma linguagem própria desse gênero. Ruy Castro e José Castello provam que não. Ambos, quando falam da vida profissional de jogador de futebol, narram de maneira clara, fácil e acessível, para que um leitor leigo no assunto possa entender. Ernesto Rodrigues, diferentemente, utiliza uma linguagem mais técnica, embora não comprometedora da fluência e prazer da leitura.

O fio condutor da obra, as vezes pode revelar o sentido de algumas características consistentes do texto ou até mesmo a motivação do autor em escrever sobre aquele determinado personagem. O fio que conduz *Estrela Solitária,* por exemplo, é o alcoolismo de Garrincha. Ruy Castro, por também ter sido alcoólatra, escreve com bastante propriedade sobre essa faceta do personagem. Ele escolheu escrever sobre Garrincha pois queria biografar um alcoólatra que tivesse sido muito famoso e amado por muita gente. O fato de ter sido alcoólatra despertou nele o desejo de conhecer o funcionamento dos mecanismos desse tipo de dependência. Ernesto Rodrigues, em *Ayrton*, conduz sua obra sobre a obsessão do personagem em vencer. Por sua vez, José Castello conduz a sua obra em uma pergunta: *Por que Pelé é o Rei do futebol?* Dentro da narrativa então, o autor apresenta argumentos que classificam Pelé a

esse status, tentando responder a essa pergunta, que o próprio Pelé se faz constantemente.

Empenhar-se em narrar uma vida é uma tarefa árdua e na constituição de uma biografia, a maior parte se dá por meio de entrevistas. Para Ruy Castro, cerca de 70% de uma biografia é feita por entrevistas. Em *Estrela Solitária,* Ruy contabilizou 170 entrevistados, alguns mais de uma vez, totalizando mais de 500 entrevistas. Em *Ayrton*, Ernesto realizou mais de 200 entrevistas em sua pesquisa. Já José Castello em Pelé, não revela a quantidade de entrevistas, mas agradece a diversos nomes por suas colaborações no fornecimento de informações. As três biografias estudadas nesse recorte não possuem notas de rodapé e são narradas na terceira pessoa, embora em Pelé, José Castello mencione a primeira pessoa no prólogo.

As análises demonstram que o trabalho biográfico conduz o leitor a ver a vida do biografado como o biógrafo a montou, por isso, embora cada autor tenha um estilo próprio, todos demonstram cuidado com a verdade, já que estão trabalhando dentro de um gênero de não-ficção. Com isso a obra passa a ter credibilidade e pode ser utilizada como fonte histórica.

Referências bibliográficas

BILICH, Jeanne. **As múltiplas trincheiras de Amylton de Almeida: o cinema como mundo, a arte como universo**. Vitória, GSA gráfica e editora, 2005

BOURDIEU, Pierre, "A ilusão biográfica", In: AMADO, Janaina, FERREIRA, Marieta de Moraes, **Usos & Abusos da história oral**, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002

CANDIDO, Antonio, "A personagem do romance", In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles, **A personagem de ficção**, São Paulo, Perspectiva, 2007

COSTA, Cristiane. **Pena de Aluguel : Escritores Jornalistas no Brasil 1904-2004** São Paulo : Companhia das Letras, 397 P., 2005

DINES, Alberto. – **Morte no Paraíso**, Rio de Janeiro, Rocco, 2004

LAGO, Claudia e BENETTI, Marcia, - **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**, Petrópolis, Vozes, 2007, 286 pgs.

LEVI, Giovani, "Usos da biografia", In: AMADO, Janaina, FERREIRA, Marieta de Moraes, **Usos & Abusos da história oral**, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002

ORTEGA, Exequiel Cesar, **Historia de la Biografia**, Buenos Aires, Editor El Ateneo, s/d, 430 pgs.

PENA, Felipe, - **Teoria da Biografia sem fim**, Rio de Janeiro, Mauad, 2004

RIBEIRO, Ana Paula Goulart, - "A mídia e o lugar da história, In: **Lugar Comum: Estudos de mídia, cultura e democracia**, No 11, maio-agosto de 200, Rio de Janeiro, NEPCOM – Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação da ECO-UFRJ, pgs. 25 a 44.

ROMANCINI, Richard, "História e Jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa" In: LAGO, Claudia e BENETTI, Marcia, - **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**, Petrópolis, Vozes, 2007

VIANA FILHO, Luiz. – **A verdade na biografia**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1945

VILAS BOAS, Sergio, - **Biografias e biógrafos, jornalismo sobre personagens**, São Paulo, Summus, 2002

VILAS BOAS, Sergio, - **Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida** , São Paulo, Editora Unesp, 2008

WOLFE, Tom, - **Radical Chique e o novo jornalismo**, São Paulo, Companhia das Letras, 2005